

MIGRAÇÃO, DESIGUALDADE E CUIDADO: UM OLHAR CLÍNICO COM ÊNFASE NA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA.Maria Eduarda Wronski¹Chancarlyne Vivian²

Resumo

O estudo discute o processo psicoterapêutico de uma mulher imigrante em situação de vulnerabilidade, atendida sob a perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). A cliente, marcada por violência de gênero, pobreza e ruptura familiar, vivenciava intenso sofrimento decorrente da separação dos filhos e das condições precárias de sobrevivência no país de acolhida. O estudo apresenta o acompanhamento clínico como espaço de elaboração de experiências traumáticas e reconstrução da autonomia, destacando a importância da escuta empática, da aceitação incondicional e da presença autêntica da terapeuta. A discussão aborda os limites da empatia em contextos interculturais, reconhecendo que a vivência da cliente ultrapassa o universo experiencial da profissional. Além disso, analisa-se a imigração forçada como fenômeno atravessado por desigualdades sociais e estruturais, que não podem ser ignoradas no setting clínico. Por fim, evidenciam-se os potenciais da ACP na promoção do fortalecimento interno, possibilitando que a cliente recupere sua voz, reconheça seus recursos e reconstrua sentidos sobre sua própria história. Conclui-se que o atendimento clínico ético e sensível às diferenças culturais é fundamental no cuidado psicológico a imigrantes em situação de vulnerabilidade.

Palavras-chave: Migração. Psicologia. Psicoterapia.

INTRODUÇÃO

O presente estudo refere-se ao acompanhamento psicológico individual de uma mulher de 33 anos, de nacionalidade venezuelana, residente no Brasil há aproximadamente quatro anos. Mãe de dois filhos, a participante vivenciou um processo complexo e emocionalmente doloroso ao optar por entregar um deles, ainda na primeira infância, ao Conselho Tutelar, em razão da percepção de não dispor, naquele momento, de condições emocionais e financeiras suficientes para o exercício da maternidade. Tal decisão esteve inserida em um contexto de elevada vulnerabilidade social, caracterizado por desemprego, precariedade habitacional, ausência de rede de apoio e histórico de violências e rupturas afetivas.

Este caso implica refletir sobre a clínica psicológica para além da dimensão individual, considerando os aspectos sociais, culturais, econômicos e afetivos que constituem o sujeito. A partir dos princípios da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), este artigo busca problematizar a importância da escuta empática genuína, da aceitação incondicional e da presença autêntica como vias de construção de um espaço de cuidado que reconheça a dignidade e a potência da pessoa atendida, sem reduzi-la às suas vulnerabilidades.

Para tanto, o objetivo foi refletir sobre o atendimento realizado à luz da ACP, discutindo os desafios da escuta empática em contextos de imigração e sofrimento extremo, e analisando criticamente a relação entre desigualdade social, vulnerabilidade e saúde mental. Ao fazê-lo, busca-se contribuir para o debate sobre práticas psicológicas culturalmente sensíveis, comprometidas eticamente com o respeito à singularidade e à autonomia dos sujeitos.

Desenvolvimento

O atendimento psicológico a migrantes e refugiados exige uma compreensão ampliada do contexto social, cultural e linguístico no qual esses indivíduos estão inseridos. A experiência migratória frequentemente envolve rupturas significativas, perdas afetivas, desenraizamento e vivências de vulnerabilidade social, o que repercute diretamente na saúde mental. Segundo Cavalcanti et al. (2017), as condições de deslocamento, o processo de adaptação e as barreiras encontradas nos países de acolhimento tornam essa população especialmente suscetível a formas de sofrimento psíquico relacionadas à insegurança, à exclusão e à dificuldade de pertencimento. Ao longo dos atendimentos, Flor compartilhou experiências marcadas por vivências traumáticas desde a infância. Na Venezuela, residia em área de garimpo com altos índices de violência, presença constante de armas, tráfico, conflitos interpessoais e violência doméstica. Relatou ter sido vítima de violência sexual pelo avô, episódio que deixou marcas profundas em sua trajetória subjetiva.

O processo psicoterapêutico desenvolvido com a participante, identificada pelo pseudônimo Flor, mostrou-se permeado por elevada complexidade emocional, histórica e social, demandando da estagiária uma atuação clínica sensível, ética e fundamentada nos pressupostos da Abordagem Centrada na Pessoa. Desde os atendimentos iniciais, observou-se a presença de sofrimento psíquico significativo, associado tanto a experiências traumáticas pregressas quanto às condições de extrema vulnerabilidade vivenciadas no período do puerpério e durante o acolhimento institucional do filho mais novo.

Flor relatava que, antes da entrega do bebê ao acolhimento, vivia noites sem dormir, marcada por uma alternância constante entre o choro do mais novo, o choro do filho mais velho que também já demonstrava sinais de estresse diante da situação, e seu próprio choro, que vinha acompanhado da sensação intensa de fracasso, impotência e culpa. A cliente narrava que, muitas vezes, se sentia paralisada, descrevendo esse período como uma sobreposição de dores: a dor da pobreza, da maternidade solitária, da ausência de suporte afetivo e da violência estrutural que percorreu sua vida.

No espaço psicoterapêutico, foi possível acessar e legitimar a ambivalência vivida pela cliente, a dor da separação e, simultaneamente, o reconhecimento de que a decisão foi tomada como estratégia de se reconstruir como mulher e como mãe. A estagiária atuou sustentando uma escuta empática, que segundo Rogers (2020), consiste em compreender profundamente o mundo interno da cliente, traduzindo essa compreensão através de uma presença genuína e não julgadora. Esse posicionamento clínico permitiu que Flor pudesse nomear sentimentos que até então permaneciam silenciados, como medo, raiva, vazio, exaustão, amor e culpa.

Considerações Finais

O estágio evidenciou a relevância da experiência prática desenvolvida na Clínica de Psicologia ao possibilitar o aprofundamento em processos psicoterapêuticos fundamentados na Abordagem Centrada na Pessoa. O acompanhamento psicoterapêutico da participante Flor demonstra a pertinência dessa abordagem no atendimento a migrantes em situação de vulnerabilidade social, uma vez que a postura clínica sustentada pela empatia, pela aceitação positiva incondicional e pela congruência favoreceu o reconhecimento do sofrimento vivenciado e o fortalecimento de recursos subjetivos para a reorganização psíquica.

Entretanto, a empatia deve ser compreendida a partir de seus limites conceituais e práticos, considerando que não é possível experienciar integralmente o mundo do outro, especialmente quando sua trajetória é atravessada por desigualdades sociais, violências e rupturas que extrapolam a vivência do psicoterapeuta. Ainda assim, a clínica possibilita uma presença ética, sensível e respeitosa, orientada pela disponibilidade para estar-com o outro em seu processo de sofrimento e elaboração.

O caso analisado também evidencia que a prática psicológica não pode prescindir da consideração dos determinantes sociais e estruturais que atravessam o sofrimento psíquico. Nesse sentido, o compromisso clínico configura-se, igualmente, como um compromisso social e político, pautado

no reconhecimento da dignidade humana independentemente das condições socioeconômicas, culturais ou migratórias.

Por fim, destaca-se a necessidade de investimento contínuo na formação de profissionais para atuação em contextos interculturais, contemplando o desenvolvimento de competências relacionadas à língua, à diversidade cultural, ao conhecimento das políticas públicas e ao cuidado sensível às desigualdades sociais. Nessa perspectiva, cuidar implica também assegurar que a clínica se constitua como um espaço seguro, de reconstrução subjetiva e de ampliação das possibilidades de futuro.

Referências

CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, A. T.; MACEDO, M. Imigração e refúgio no Brasil: relatório anual 2017. Brasília: OBMigra, 2017.

ROGERS, C. R. Tornar-se pessoa. 9. tir. São Paulo: Martins Fontes, 2020.

mariaewronski@gmail.com

chancarlyne.vivian@unoesc.edu.br